

Fala de Bento Serras, cobrador de bilhetes, nascido e morador em Amorins:

«Diz que quer contar tudo dos princípios?

Dos princípios a gente nunca sabe.

Quando é o caso de se lhe pôr a vista em cima, já o que quer que seja vai no meio...

Pois eu do homem não me lembro, não. Diz que seria fácil de lembrar, mas não para mim que tenho esta cegueira.

Cegueira é modo de falar, entende. Não me fixo. É assim como umas sombras. Dizem para onde querem ir, eu marco, e marco, boto-lhe as notas gradadas entre os dedos, os trocados na mala, e vai que vai, volta que volta, e é noite, e é manhã, e nem reparo. Podia levantar-se aí uma cidade por obra do demónio, é um supor, uma cidade dessas que se perdem de vista na direcção de cima, e eu não dava por ela, tão cego ando.

Pois o homem não vi. Se veio na carreira, se foi no meu serviço, não no vi.

Sendo segunda, que podia ser, vai para aí um povo, um corrupio. Diga. É a feira, pois. Sacas e trouxas, criançada, vinhos. Parece isto uma terra dos Brasis. Que, não se exagerando, eu não condeno. Não tenho é alegria. Falta-me muito o ar. Desde pequeno, sim, nem eu estou certo de quando começou. É isto que lhe digo. Ninguém sabe os princípios.

O tal homem? Pois não, minha senhora, fosse ele como fosse, eu não no vi.»

Palavras da senhora Rita Chanca, vendedeira, com banca à porta da garagem:

«O Bento não no viu? Ele não vê nada! É dos sufocos, e o mal trepou-lhe às vistas. Uma pieira às vezes, coitadinho, eu sei lá o que vai naqueles peitos. Uma ninhada, diz a mãe que uma ninhada. De noite ataca mais, espanta-lhe o sono. Faz lá o que lhe cumpre, mas não vê. Logo a menina havia de ir ao Bento!...

Que, se fosse segunda, ninguém arreparava? Ai, sim, isso se fosse uma segunda. Que isto, nestas alturas, é a febre. Esquenta-se-lhes o corpo, uma coceira, nem que tivessem apanhado brotoeja. Qual quê, comida, géneros? É o que menos compram. Rações? Sim, fava, alguma. Mas o que eles querem mesmo é domingar. Fatos e música, aí batem os negócios.

Ah, pois não foi numa segunda, não. Estava aí um sossego, nem parciais. Alembro, sim, senhora, fie-se nestas memórias. Essa caixinha aí, julgava que eu não sei, diz coisas iguaizinhas tal-qual ao que saiu da boquinha da gente. Ora se não conheço: isso há mais que anos que por cá apareceu. Daí a pouco diz estas coisas que eu disse, assim, preto no branco. Esperta que nem raposa. Não tenho medo, não. Nem de tirar retratos, não senhora. Porque haveria de ter? Nos retratos sou eu, aí não sou, não é a minha voz. É qualquer maquenismo, ora carregue.

Pois o tal homem? Vi-o chegar, vi, e então não conheci... Brincarmos juntos não brincámos, não senhora, derivado a que eu nunca brinquei. Mas conhecia o Alvarinho. Quer saber? Levei-lhes muita cesta de figo lá a casa. Eu, querer-lhe, não lhe queria mal nem bem. Gostava de lá ir levar os figos porque me davam sempre alguma coisa. A mãe? Não, a mãe, não, a gente nem na via. Quem lá tinha o governo era a avó. Dona Carlina, um pedaço duma mulher. Mas quem me dava os mimos, uma saia, uns pães doces, isso era a Marjoana. Não morreu, es-

tá tontinha em casa de afilhados. Aí tem no que dá servir a vida inteira. Dá-se o sal do suor e o sal das lágrimas e depois na velhice o que é que se arrecebe? Um coice. Eu não, menina. Servir nunca servi.

O Alvarinho? Pois então: ele apeou-se e eu vi logo quem era. Não no tinha tornado a encontrar, pois não. Passou o quê? Um carro de anos. Mais. Há-de andar por perto dos cinquenta. Ele apeou-se, assim, meio tolhido, como se se doesse.

Não me viu, e que visse? Sabia quem eu era? Eu é que me alembra-va e alembrei logo, não custou nada, não senhor, menina, foi só pensar no Alvarinho antigo e pôr-lhe em cima a vida e os desgostos.

Como sabia eu dos seus desgostos? Olhe, era Verão, torrava-se na sombra. Eu tinha de dar água à cadelita e tinha enchido o balde ali no chafariz. E estava com o balde na mão quando ele passou. E sabe o que ele trazia? Um sobretudo. Espécie de capote, ou que era aquilo. Vestimenta do pino dos Invernos. Com uma malazita e um sobretudo, e o calor aí a rachar pedra.

Quantos desgostos não há-de um homem ter sofrido para o sangue lhe esfriar dessa maneira?

Ou sim, seria já coisa malina que lhe apertasse o coração, não sei.»

Não possuo a infância de Álvaro Roíz. Tenho de percorrer o sentido contrário ao da memória da senhora Rita. Devo tirar-lhe o peso, a espessura da vida, toda a camada do anel dos anos que se foi enrolando em volta da criança e lhe conferiu aspereza e solidão.

Quando eu o conheci, estive perante um homem esplendidamente só. Tinha-se a impressão de o avistar para lá de uma distância de vago e de penumbra, num ilhéu que era quase feito de inexistência, de um tal recolhimento do ser sobre si próprio que dele irradiava uma ameaça, como a de estrelas mortas ou sereias.

Passava as tardes na poltrona, ouvindo. Ainda existe, o grande cadeirão forrado de cretone às rosas amarelas. Demorei-me a olhá-lo, na semana passada, quando fui ver a casa uma vez mais.

Faltavam muitos livros nas estantes, foi com certeza Paolo que os levou. E alguém retirara pequenos objectos que eu não pensara haver referenciado, mas cuja ausência dava nitidez a cores e formas que evocava agora: um relógio arte-nova, uma caixa chinesa, uma boneca de casaco preto. Mas não era uma sala mais deserta do que no tempo em que Álvaro era vivo e recebia aquela multidão que voltejava, efémera e aturdida com a intimidade de um poeta. Dormitavam às vezes pelos quartos sem móveis e entendiam como honroso servir chá, beber estranhos chás por tigelinhas.

Julguei que para ele tudo era já um movimento, um indistinto jogo de sombras contra sombras. Deixava-se cuidar, como um inválido. Não o incomodava que o fossem adorando porque de certo modo criara à sua volta o vazio que protege a divindade. Estava só, como cego, como mudo, e quase não escrevia. Desesperava Paolo com a caligrafia preguiçosa, rasteira, que reduzia as frases a linhas descontínuas. Não queria lembrar-se das palavras. O pobre italiano desistiu de apanhar-lhe o rasto da memória, renunciou ao sonho de poder redigir uma biografia.

Não porque houvesse enigmas ou períodos sem registo no passado de Álvaro Roíz. Mas os dados que amigos e até familiares podiam fornecer revelavam tamanha mediania que entre a vida e o poeta houvera certamente um total desencontro.

Recém-licenciado em Estudos Portugueses, Paolo del Vecchio abandonara Roma e todo o tipo de futuro previsível para vir tocar à porta de Álvaro Roíz e dedicar a vida aos seus poemas. Só pôde dedicar-lhe quatro anos.

Antes do seu secreto retorno aos Amorins, Álvaro prometeu que lhe daria tudo o que tivesse algum valor literário e pediu-lhe que fosse a Itália comprar álbuns sobre a Villa Adriana que andava a ser falada.

Paolo não partiu logo. Chorou um dia inteiro no quarto de aluguer e depois telefonou-me, ciumento e assustado. Passeámos um pouco à beira-rio, havia vento. Eu receei de súbito que os pescadores fossem levados para o lodo, e a seguir pus-me a consolar Paolo, a convencê-lo a concordar com tudo.

Ele caminhava dolorosamente, com o seu grande corpo sempre em desequilíbrio, lutava contra a ira abanando os cabelos. Fi-lo parar: Álvaro ia legar-lhe toda a gestão da obra. Devia estar feliz, era um bom fim.

O ciúme de Paolo explodiu:

— O gato, deu-me o gato? A ti! A ti, o deu! Que ama ele mais que tudo: os seus poemas?!

Mais que tudo, ele amava Zaratustra.

Comprara-lho a irmã, apavorada com o movimento e um certo cheiro a fumo dos jovens visitantes. Sentiu-se algumas vezes ridicularizada, percebia sorrisos por trás das suas costas, e um desses sorrisos de troça e de impiedade vinha-lhe da poltrona debotada. Anabela Roíz Vaz era orgulhosa. Telefonou à sobrinha, recebendo as respostas indiferentes e moles que sempre recebera: Sofia prometia vagas coisas e sentava-se à espera de as ver realizadas. Tinha herdado do pai o sonho vicioso.

Anabela gostou de despender dinheiro para adquirir aquele persa azul porque assim, confessou-me há pouco tempo, dava satisfações à consciência. Teria preferido um galgo egípcio, mas escolheu um bicho de interiores.

Enganou-se ao pensar que Zaratustra seria de algum modo o seu representante na casa do irmão, como que um delegado do seu exausto e mal compreendido amor fraterno: o animal atravessou a sombra e en-